

# Fundamentos da organização da informação frente à produção de documentos

## *The fundamentals of information organization in face of the production of documents*

Cristina Dotta ORTEGA<sup>1</sup>

### RESUMO

Explora a noção de organização da informação documentária na perspectiva da produção de documentos. Compreende a produção de documentos como processo de elaboração de registros de informação que dão acesso às unidades de conhecimento, e não como produção desse conhecimento. Parte do pressuposto de que a noção de produção de documentos torna-se mais evidente na produção do documento eletrônico, quando ocorre uma aproximação entre as etapas de edição do texto do autor e as de representação, visando à sua recuperação em sistemas de informação. Traça e discute historicamente e conceitualmente a produção de documentos, explorando o documento por meio dos seus componentes, de suas etapas de produção, e como produto dos processos documentários. Conclui pela noção de produção de documentos (no sentido documentário) como aquela realizada em um sistema de informação documentária, por meio da transformação do texto do autor em documento, o que implica a elaboração de formas de apresentação e formas de representação e acesso a esses documentos. Por fim, aponta a necessidade de ampliação e fundamentação da noção de organização da informação documentária, pela agregação da noção de produção de documentos.

**Palavras-chave:** organização da informação documentária; produção de documentos; produção de documentos eletrônicos; documento.

### ABSTRACT

*It explores the notion of information organization from the perspective of the production of documents. It comprehends the production of documents as a process of elaboration of the records of information, which will give access to the units of knowledge, and not as the production of this knowledge. It works with the idea that the notion of production of documents becomes more evident in the production of the electronic document, where there is an approach between the stages of the text edition of the author and the representation in information retrieval systems. It draws and discusses historically and conceptually the production of documents, exploring the document through its components, its stages of production and as a product of the documentary processes. It concludes that the notion of the production of documents (in the documentary sense) is that one done in a documentary information system through the transformation of the author's text in a document, which implies the elaboration of ways of presentation, representation and access to these documents. Finally, it indicates the necessity for enlargement and definition of the fundamentals of the notion of information organization by adding the notion of the production of documents.*

**Keywords:** information organization; production of documents; production of electronic documents; document.

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Informação e Documentação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Doutoranda, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente, Curso de Ciências da Informação e Documentação, Universidade de São Paulo - Campus Ribeirão Preto. Av. Bandeirantes, 3900, Bloco P1, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil. <crortega@usp.br>.

Recebido em 10/2/2007 e aceito para publicação em 12/7/2007.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho explora a noção de organização da informação documentária na perspectiva da produção de documentos.

A referência à produção de documentos não está aqui indicando a produção intelectual ou artística de seu conteúdo (obra do autor), mas a produção de formas de apresentação e de representação da obra, assim como de seus pontos de acesso em sistemas de informação documentária. Refere-se ao documento como uma forma de apresentação e como um conjunto sugerido de informações documentárias, e não como o conhecimento nele contido.

As informações documentárias são entendidas como aquelas apreendidas, registradas e armazenadas em sistemas de informação documentária a fim de que sejam passíveis de recuperação e uso. As informações documentárias, portanto são unidades de representação, construídas sob uma forma e um conteúdo, a partir de decisões pautadas nos tipos de informação, nas áreas do conhecimento ou de atividade, na linguagem dos usuários e nos objetivos do serviço de informação, tornando explícito o propósito de um sistema de informação.

A compreensão sobre a produção de documentos abarca questões relativas ao próprio documento e às suas referências, quais sejam, as informações documentárias. Essas referências contêm não a informação propriamente, mas a designação do documento que contém a informação (como os documentos secundários produzidos pelas técnicas documentárias), conforme Escarpit citado por Couzinet, Régimbeau e Courbières (2001). Para esses autores, a referência bibliográfica, o registro catalográfico e a ficha descritiva são "etiquetas" que permitem atestar a existência de um documento. Essas etiquetas supõem que existe algo estável, que pode ser verificado e interrogado por todos, funcionando como prova. Quando essas etiquetas são mal redigidas ou estão incompletas, torna-se difícil recuperar a fonte de referência porque aquelas repousam sobre princípios de caracterização que devem ser respeitados para que o vínculo entre essas duas entidades – etiquetas e documentos – não seja rompido. O documento é uma prova e a menção de um documento é uma prova de que este documento existe: é a prova da prova.

Dessa forma, a noção de organização da informação documentária aqui adotada inclui a de produção de documentos, pois se refere à produção de documentos em um sistema (e não à sua criação isolada): isso implica a elaboração de formas de representação e de acesso a esses documentos, seguindo critérios que garantam consistência interna ao sistema.

Partimos do pressuposto de que a noção de produção de documentos torna-se mais evidente na produção do documento eletrônico, quando ocorre uma aproximação entre as etapas de edição do texto do autor e as de representação, visando à sua recuperação em sistemas de informação. Isso facilitaria a análise formal da produção de documentos no que se refere às suas condições de produção e aos processos e instrumentos adotados, viabilizando a implantação de sistemas de informação funcionais e consistentes. Quanto às possibilidades de acesso ao conteúdo intelectual dos documentos do sistema, a significação é condição necessária à representação da informação, mas sua efetivação não se limita à análise formal citada.

## EXPLORAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL DA NOÇÃO DE PRODUÇÃO DE DOCUMENTOS

Atividades relativas à área posteriormente denominada Biblioteconomia, surgiram simultaneamente aos primeiros registros reconhecidos como formas de escrita não pictográfica e se desenvolveram à medida que o próprio conhecimento humano foi-se constituindo formalmente.

Contingências históricas, entretanto, levaram a que a Biblioteconomia ficasse afastada do conhecimento que organizava e preservava, assim como da produção dos registros desse conhecimento, pois os copistas das bibliotecas medievais, considerados por alguns como os primeiros bibliotecários, eram responsáveis pela produção e reprodução dos documentos. Nessa operação, realizavam intervenções na forma dos textos (como verdadeiros gramáticos) e, provavelmente, intervinham também no seu conteúdo.

Com o advento da tecnologia da impressão na metade do século XV, ocorreu lentamente uma alteração na relação desses "bibliotecários" com seu objeto de trabalho. A tarefa de produção de documentos foi lentamente sendo retirada das atividades da biblioteca, passando a ocorrer em oficinas especializadas,

isentando o bibliotecário de então das possíveis intervenções na sua forma e conteúdo. Com isso, os exemplares dos livros chegavam prontos à biblioteca para serem classificados e armazenados. Apenas atualmente a participação na produção editorial pode estar efetivamente reaproximando o profissional bibliotecário da produção do documento, particularmente quando estes registros já nascem (e permanecem) no meio eletrônico.

- O surgimento e a disseminação das bibliotecas públicas, como equipamento cultural do projeto da modernidade, visaram ampliar o acesso à educação e à cultura, com base no ideal da educação das massas e da democratização e face à industrialização que demandou a ampliação da capacidade de consumo (fenômeno iniciado no século XVII e acentuado no final do século XIX, em especial nos Estados Unidos). Ocorreu uma mudança na atuação das bibliotecas, que contou com um maior empenho dos bibliotecários no acesso físico aos documentos, em detrimento do seu conteúdo. Essa nova atuação desviou-se dos princípios propostos pelos pensadores pioneiros da Biblioteconomia, mas não ficaram claros os modelos e as estratégias que deveriam sustentá-la.

- Em paralelo ao projeto de expansão das bibliotecas públicas estadunidenses, evidenciou-se uma crescente importância e ampliação da publicação de periódicos científicos, demandando uma reformulação da atividade de organização de bibliotecas e seus acervos a qual incluísse formas analíticas de representação e acesso. Contudo, a esta altura, as práticas de trabalho das bibliotecas já estavam sedimentadas no tratamento de livros (monográficos) como um todo e na localização física (nas estantes) e local (somente na própria biblioteca) dos assuntos dos livros. Além disso, as condições estruturais, metodológicas e tecnológicas da época, aliadas à pequena mão-de-obra disponível nas bibliotecas, não permitiram que se executasse o custoso tratamento analítico de periódicos que era então demandado.

O desenvolvimento da imprensa, a disseminação das bibliotecas públicas e o aumento da publicação de periódicos científicos contribuíram, no decorrer do tempo, para o distanciamento dos bibliotecários em relação à observação dos aspectos formais e de conteúdo intelectual dos documentos.

Em função desses fatores, os documentalistas ocuparam a lacuna dos trabalhos de Bibliografia deixada pelos bibliotecários, mas não obtiveram a posição da Biblioteconomia, no imaginário social, de profissão guardiã da cultura da humanidade e responsável pela sua difusão. De início, a posição dos bibliotecários era vista com certo *glamour* que foi substituído, com o tempo, pela idéia de profissão tecnicista, burocrática e de baixo reconhecimento social. O documentalista, no entanto, nunca foi reconhecido efetivamente como tal.

Nesse contexto, os avanços da área conhecida como Documentação, desenvolvida na Europa desde o final do século XIX, promoveram o entendimento da informação como o objeto de estudo e de trabalho tanto dos documentalistas, como dos bibliotecários. A despeito disso, o impulso das tecnologias eletrônicas levou a certa indistinção entre o conceito de documento e o de informação, pois a base material e o conteúdo nela registrado passaram a ser vistos como imbricados.

Contudo, depois da predominância do termo “livro” (na literatura sobre bibliotecas) e do termo “informação” (nas pesquisas em Ciência da Informação), volta a necessidade ampla do uso do termo “documento”, já proclamada pelos documentalistas europeus, em especial, a partir do início do século XX. Por representar o registro (físico) e a informação (simbólica), o termo documento melhor caracteriza os diversos tipos de informações registradas, como as textuais, factuais (cadastrais, numéricas), sonoras, imagens fixas ou em movimento, e em qualquer suporte (papel ou seus antecessores, magnético, óptico, eletrônico).

As técnicas desenvolvidas pela Documentação promoveram o foco na representação do conteúdo dos documentos, deflagrando a noção de informação nos processos de tratamento e recuperação, em detrimento das práticas de descrição formal do objeto físico informacional. Atualmente, a produção de documentos eletrônicos vem retomando as técnicas documentárias de tratamento analítico, ou de tratamento das unidades informacionais, como um contraponto à descrição formal e de conteúdo do objeto físico informacional (Biojone, 2002, p.82).

## O documento como objeto de análise da Documentação e da Ciência da Informação

Frente às dificuldades relacionadas à discussão contemporânea da noção de documento, propomos observá-lo enquanto objeto de análise da Documentação e da Ciência da Informação, considerando: a) seus componentes; b) as etapas de sua produção; e c) o produto dos processos documentários (Lara; Ortega, 2006).

a) Propomos como categorias de análise para o documento, os seguintes componentes:

- unidade física documental (ou objeto físico informacional, ou seja, a parte material e, portanto, manipulável do documento);
- unidades informacionais ou documentárias (unidades textuais mínimas passíveis de representação);
- conteúdos (informação propriamente dita registrada nestas unidades).

Como unidade física, há relativo consenso sobre sua identificação. Como unidade informacional, cuja idéia inicial pode ser atribuída a Paul Otlet (Tálamo et al., 2002) a partir do “princípio monográfico”, implica a decomposição do texto em “unidades intelectuais”: para Otlet, cada unidade intelectual seria transcrita em uma ficha ou recortada dos livros e colada em fichas, objetivando a coincidência entre as “unidades físicas” e as “unidades intelectuais” do documento. Como conteúdo, por sua vez, a noção é extremamente frágil e imprecisa, já que pode não ser determinado de forma apriorística e descontextualizada.

b) As etapas de produção do documento envolvem os processos de:

- apresentação (elaboração da aparência da unidade física documental);
- representação (organização das unidades informacionais relativas à forma e ao conteúdo);
- indicação dos pontos de acesso (por meio da seleção dos itens de representação citados acima).

Tais etapas ou processos documentários foram realizados de forma distinta ao longo do tempo, como

decorrência do desenvolvimento tecnológico e da cultura de cada época, observando-se, todavia, que elas não se sobrepõem necessariamente. De um modo geral, podem ser visualizadas e identificadas como segue:

- Até o período de disseminação das bibliotecas abertas ao público (século XVII-XIX), os documentos eram representados e acessados em função de sua disposição física nos acervos. Utilizavam-se sistemas de classificação enciclopédicos e universais, como os clássicos sistemas de classificação – Classificação Decimal de Dewey - CDD - e Classificação Decimal Universal - CDU –, criados no final do século XIX, ainda adotados nos dias atuais. Nesse caso, os itens de representação e os itens de acesso eram os mesmos (notações do sistema de classificação) e ficavam dispostos nos próprios documentos a que se referiam.
- Aproximadamente no mesmo período de lançamento da CDD e da CDU, a criação e disseminação das fichas catalográficas implicou a diferenciação entre itens de representação (descrição bibliográfica da ficha) e itens de acesso (pontos de acesso da ficha), os quais se configuravam como elementos fisicamente separados dos documentos que representavam. Com a automação da elaboração e uso dos catálogos, a partir da década de 1960, ocorria o mesmo, mas o arquivo de fichas de papel foi substituído por um arquivo eletrônico e o conjunto de fichas de um documento passou a ser chamado de registro bibliográfico.
- O desenvolvimento da tecnologia eletrônica gerou a possibilidade de *links* hipertextuais entre os objetos de um sistema. Assim, nas bases de dados e nos catálogos automatizados de bibliotecas, passou-se a anexar, junto aos itens de representação (ou registro bibliográfico) de cada documento, o próprio documento em suporte eletrônico. Com esse recurso, o usuário realiza a busca, no catálogo ou na base de dados, a partir dos pontos de acesso que compõem o índice, localiza a representação do documento desejado e aciona um comando que promove a sua

visualização. Dessa forma, a representação do documento e o próprio documento permanecem ancorados no mesmo repositório informacional e anexados um ao outro.

- Atualmente, é possível representar os documentos neles mesmos, com uso das linguagens de marcação. Por meio dessas linguagens, a representação é realizada pela marcação dos itens do documento eletrônico, a qual é baseada em uma estruturação prévia, segundo tipologias documentais específicas. Esse novo processo levou a uma interdependência direta entre a forma e o conteúdo do texto e as possibilidades de representação dos itens nele contidos.

Historicamente, como descrito acima, a organização da informação objetivou a recuperação do conteúdo e o acesso ao documento, mas esses processos eram descontínuos. As mudanças mencionadas apontam para uma aproximação entre o momento de recuperação de um conteúdo e o de obtenção do documento correspondente pelo usuário, uma vez que barreiras de espaço e tempo estariam eliminadas.

Já a transparência de processos, evidenciada no último estágio citado, decorreu na criação das noções de pré-representação e pós-representação, segundo o momento da construção do documento (noções citadas por Biojone, 2002, p.69), ou seja, da transformação do texto do autor (obra ou o conteúdo de natureza intelectual ou artística) em um documento (produto documentário da obra que objetiva possibilitar manipulação, disseminação, acesso e uso de seus conteúdos). Na pós-representação, o documento já existe, ou seja, está finalizado, momento em que se recorre aos métodos tradicionais de representação e de indicação dos pontos de acesso: catalogação, classificação bibliográfica, indexação e elaboração de resumos<sup>2</sup>. Na pré-representação, as etapas de apresentação, de representação e de indicação dos pontos de acesso são realizadas no momento da construção do documento.

c) As etapas de constituição do documento determinam, também, os produtos de cada fase, complementando o quadro anterior de sua análise como produto. O documento, então, se constitui pela sua apresentação ou aparência física e pelas informações documentárias que congregam sua representação e os pontos de acesso. Nesse sentido, tanto na pré como na pós-representação, cada texto original, considerando o ciclo completo de produção, é transformado em um documento, no sentido documentário, sendo ambos produtos de informação.

Com base nessa abordagem, poderíamos completar a descrição dos produtos de informação, ou produtos documentários, feita anteriormente, propondo delimitar sua tipologia:

- notações de sistemas de classificação
- fichas catalográficas
- registros bibliográficos
- índices
- resumos
- documentos eletrônicos marcados
- outros

## A noção de produção de documentos

Dando continuidade à exploração conceitual da noção de produção de documentos, propomos a sistematização dos elementos envolvidos, segundo duas categorias de análise:

- os componentes do documento (unidade física documental e unidades informacionais e seus conteúdos);
- os processos, instrumentos e produtos documentários.

Essas categorias interagem entre si: os componentes do documento podem ser considerados

<sup>2</sup> Estamos referindo-nos à classificação bibliográfica como o processo tradicionalmente adotado em bibliotecas com o fim de organizar os documentos no espaço físico, de forma a serem explorados e localizados. Como indexação, entendemos o processo de atribuição de termos relacionados aos conteúdos dos documentos, objetivando a recuperação desses conteúdos em sistemas de recuperação da informação, automatizados ou não, como catálogos de biblioteca e bases de dados bibliográficas em geral.

como decorrentes de intervenções ou processos, nos quais se utilizam instrumentos, gerando produtos.

Consideramos ainda atual a distinção entre processos, instrumentos e produtos, retomando-a a partir das seguintes considerações:

- processos documentários: abordados segundo os objetivos de representação da unidade física documental, das unidades informacionais, ou ainda, dos conteúdos dessas unidades;
- instrumentos documentários específicos para cada processo citado acima;
- produtos documentários decorrentes.

A relação proposta entre componentes e processos propicia uma abordagem histórica da área de organização da informação, cujas etapas enfatizam um ou outro processo. Essas etapas se interpõem, mas teriam ocorrido relativamente na seguinte ordem:

- registro, controle e preservação de documentos (mais tarde, prestação de serviços de acesso a esses documentos);
- análise e representação do conteúdo dos documentos para recuperação;
- registro, controle e preservação de documentos, assim como a análise e representação do seu conteúdo.

Pode-se concluir que a primeira etapa realiza a gestão do acervo de bibliotecas e está focada na noção de "unidade física documental". A segunda etapa surgiu com os centros de documentação e as bases de dados bibliográficos, está voltada para a gestão da informação e centra-se nos conteúdos das "unidades informacionais". A terceira etapa ocupa-se da produção de documentos em sistemas de informação; em função dos recursos tecnológicos que propiciam agilidade e integração dos distintos processos. Essa etapa forneceria mais possibilidades de operar conjuntamente as "unidades físicas" e os conteúdos das "unidades informacionais".

A unidade física pode coincidir com a unidade informacional (como no caso de uma monografia) ou conter várias unidades informacionais (como os artigos de um periódico). Em uma base de dados factual

(cadastral ou numérica, por exemplo), a unidade física é a própria base de dados, na qual se encontram as unidades informacionais que a compõem (cada uma das fichas cadastrais, no caso da base de dados cadastral). A unidade informacional ou documentária é aquela que coincide com o conjunto de unidades textuais mínimas passíveis de representação e é definida por uma determinada tipologia documental (ou informacional). Apesar de uma unidade física ser eventualmente a própria unidade informacional, ambas são conceitualmente distintas. Uma unidade física pode ter várias unidades informacionais e, em cada uma dessas, é que estão os conteúdos do documento.

A ênfase na unidade física documental é evidente em sistemas de informação do tipo biblioteca. Com acervo marcado pelo suporte papel, as bibliotecas inicialmente realizaram as representações das unidades físicas documentais também em papel (fichas catalográficas), posteriormente transportando essas representações para o meio eletrônico por meio da informatização dos seus catálogos. Processo distinto, no entanto, ocorreu na criação das bases de dados bibliográficas, as quais foram fundamentadas em metodologias de representação das unidades informacionais e de seus conteúdos.

Atualmente, a representação das unidades informacionais na produção dos documentos eletrônicos é realizada por meio de linguagens de marcação: essas metodologias têm como desafio a identificação e caracterização das unidades informacionais dos diversos documentos, entendidos enquanto entidades informacionais registradas. Desse ponto de vista, reforçamos a necessidade de ampliação do quadro explicativo da noção de organização da informação documentária, incluindo a noção de produção de documentos, para o que se fazem necessárias a abstração e a formalização dessa produção e do próprio documento.

A questão recorrente entre processos que operam as unidades físicas documentais e aqueles que operam as unidades informacionais e seus conteúdos aponta para uma necessidade de ponto de equilíbrio. Nessa balança, a descrição e o controle da unidade física e da unidade informacional carecem do desenvolvimento de metodologias refinadas para contemplar as

complexidades vigentes. Contudo, por suas características formais, são passíveis de implementação pelos recursos tecnológicos eletrônicos. Já a representação dos conteúdos é dependente de metodologias de leitura e análise que visam promover a significação. Tais metodologias estão além dos recursos formais e lógicos proporcionados pelos modelos tecnológicos, não obstante ser facilitada por eles.

### SÍNTESE DE ASPECTOS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO DE DOCUMENTOS

Observamos que os processos e produtos documentários apresentam uma linha de continuidade que se contrapõe às aparentes rupturas amplamente proclamadas como decorrência do advento da tecnologia eletrônica. O que mudou com a produção de documentos eletrônicos foi a crescente aproximação entre as etapas da organização da informação documentária – apresentação, representação e indicação dos pontos de acesso –, que antes eram separadas. Essa aproximação poderia ser exemplificada como segue.

Em um primeiro momento, era realizada a editoração do documento para publicação impressa (pela Editoração), assim como a elaboração de índices para a publicação de livros e revistas e a normalização de trabalhos acadêmicos (pela Biblioteconomia, mas também pela Editoração). Em um segundo momento, a partir dos documentos então criados, ocorriam os processos tradicionais de representação descritiva e temática como a catalogação, a classificação, a indexação e a elaboração de resumos no âmbito dos sistemas de informação (atividades da Biblioteconomia). Nesse sentido, podemos dizer que atividades de pré-representação já eram realizadas pelos bibliotecários na normalização bibliográfica de trabalhos acadêmicos e livros e na elaboração de índices remissivos de livros e enciclopédias.

Atualmente, o desenvolvimento tecnológico permite que todos esses processos sejam unificados e racionalizados, ou seja, a transformação do texto do autor (ou obra) em documento conta com uma maior integração entre os processos de formatação física e organização do conteúdo semântico (apresentação e

representação, respectivamente), como também de geração de índices de busca (indicação dos pontos de acesso). Se a tecnologia propiciou a aproximação entre as etapas da organização da informação documentária, poderíamos apontar que ela tende a facilitar a gestão e o acesso, já que os documentos e seus itens de representação estão dispostos no mesmo repositório, mas, principalmente, porque essa integração de processos propicia uma maior compreensão das metodologias envolvidas, fornecendo melhores condições para o seu refinamento.

Essas metodologias poderiam fornecer a fundamentação da produção de documentos (no sentido documentário), permitindo embasar, de forma ampla e única, os processos, aparentemente distintos e fragmentados (e, portanto, injustificados) efetuados até então pelos bibliotecários, como a normalização de trabalhos acadêmicos (relativo à produção de documentos) e a catalogação e indexação de documentos convencionais (atividade de representação de documentos). Sendo assim, há uma unidade conceitual e metodológica que se manifesta na integração de procedimentos e, como consequência, na sinergia entre distintas especialidades profissionais, visando à elaboração de produtos de informação. A evolução da tecnologia eletrônica e o surgimento da Internet geraram a necessidade de metodologias de gestão e de tratamento do fluxo informacional que, supomos, já foram contempladas em certo nível pelas técnicas documentárias. Essa nova configuração informacional propicia (e demanda) a atuação conjunta de diversos profissionais, como programadores e analistas, *designers*, editores, bibliotecários e outros, na realização de partes de um mesmo processo. A diversidade profissional citada é decorrente do fato de que a produção de documentos, incluindo a geração de representações que viabilizem acesso a elas em um sistema, é moldada pelos recursos editoriais e tecnológicos em voga.

De fato, a tecnologia eletrônica reforçou a informação como objeto de estudo e trabalho de bibliotecários e documentalistas: aproximou esses profissionais da atividade de produção de documentos, promoveu o reconhecimento da diversidade documental e retomou a necessidade da representação da unidade informacional ou documentária (e não da unidade física

documental prioritariamente) com fins de recuperação. Mesmo que esses pontos já tenham sido preconizados pela Documentação, a sua efetivação ainda está em processo.

Em suma, o que está em questão não é a produção ou transformação de toda e qualquer informação para o meio eletrônico, mas o aprimoramento de teorias, métodos e práticas de organização e recuperação da informação com base em um universo mesclado, onde coexistem diversos tipos e suportes documentais. Considerando como grande desafio a atuação em ambientes híbridos, acreditamos que a compreensão histórica e conceitual da produção de documentos pelos profissionais nela envolvidos deve ajudar a cumpri-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a Biblioteconomia apresenta uma longa história de atividades, desde o início da escrita até a época moderna, quando recebeu novo impulso com a invenção da imprensa e o Renascimento científico e cultural. Depois sofreu uma ruptura, na segunda metade do século XIX, acentuada por desenvolvimentos impulsionados pela Segunda Guerra Mundial no século seguinte, que deu origem à área conhecida como Documentação, cujas teorias, métodos e práticas contribuíram para o surgimento da Ciência da Informação.

No entanto, constatamos que os princípios da Documentação apresentam baixo conhecimento da comunidade científica que atua em Ciência da Informação. Podemos especular a favor da idéia de que a pesquisa nessa área se encontra crua e embrionária, demonstrando-se inábil para apropriar-se, de fato, do conhecimento produzido pelas áreas que lhe deram origem. Reforçando essa visão, fascículo da revista francesa *Documentaliste* (1993, p. 248) explora a seguinte questão: pode-se estudar a história da Ciência da Informação sem abordar as técnicas documentárias? A despeito dessa citação, podemos afirmar que, em geral, a literatura européia sequer realiza essa pergunta, já que, historicamente, partiu desse princípio. Quanto à literatura norte-americana, acreditamos que apresenta abordagem fragmentada sobre Ciência da Informação, que se manifestou principalmente nos estudos sobre funções, processos técnicos e serviços de bibliotecas e na exploração de experimentos de recuperação da informação por modelos computacionais (conhecidos pela expressão *Information Retrieval*), além de outras propostas que foram surgindo com o tempo, como a da gestão do

conhecimento. Mesmo considerando a validade da abordagem do pragmatismo norte-americano e a tendência de aproximação das diversas propostas que a compõem, suspeitamos que predomine visão histórica parcialmente constituída e fundamentos teóricos e metodológicos de baixa capacidade de generalização.

Ressaltamos os desenvolvimentos da Documentação – grandemente explorados na organização da informação sob o ponto de vista de seu conteúdo, por aportes da Lógica, da Lingüística e da Terminologia –, mas pouco adotados na pesquisa sobre representação descritiva. Entendemos representação descritiva como a concepção de estruturas de registros de informação e o preenchimento das unidades dessas estruturas, de forma pertinente a determinadas realidades informacionais, objetivos institucionais e públicos usuários. Nessa lacuna documentária, encontramos as pesquisas e as práticas da Ciência da Computação e áreas congêneres, reconhecidas pelos avanços de abstração e modelagem das estruturas de informação dos sistemas; acreditamos, no entanto, que esses esforços carecem da fundamentação das técnicas documentárias, gerando resultados comprometidos sob o ponto de vista dos interesses da Documentação e da Ciência da Informação.

Procuramos, neste artigo, explorar alguns elementos de análise da organização da informação documentária, de forma a fomentar a necessidade de aprimoramento de teorias e métodos que orientem as práticas tradicionalmente nomeadas como representação descritiva, segundo definimos acima. Especificamente, apontamos para o alargamento da noção de organização da informação documentária, pela agregação da noção de produção de documentos.

Concluimos pela noção de produção de documentos (no sentido documentário) como aquela realizada em um sistema de informação documentária, por meio da transformação do texto do autor em documento, o que implica a elaboração de formas de apresentação e formas de representação e acesso a esses documentos. Entendemos que essas formas de representação e de acesso são aquelas, de algum modo, exploradas pela representação descritiva, enquanto parte dos estudos de organização da informação documentária.

Por fim, propomos a discussão da abordagem aqui iniciada sobre produção de documentos, assim tomada como um olhar possível sobre a necessária ampliação e fundamentação da organização da informação documentária.

## REFERÊNCIAS

BIOJONE, M. R. *Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

COUZINET, V.; RÉGIMBEAU, G.; COURBIÈRES, C. Sur le document: notion, travaux et propositions. In: COUZINET, V. *Jean Meyriat, théoricien et praticien de l'information-documentation*. Paris: ADBS Éditions, 2001. p.467-506.

DOCUMENTALISTE: *Sciences de l'Information*. Paris: ADBS, v.30, n.4-5, p.248, 1993.

LARA, M.L.G.; ORTEGA, C.D. Le document et l'information documentaire: une construction organisée sous forme et contenu. *Sciences de la Société: revue scientifique internationale*, v.68, p.191-202, 2006.

TÁLAMO, M.F.G.M. et al. Otlet, o criador de estruturas informacionais pela paz mundial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2002. CD-ROM.

